

REGO, José Lins do. *Bangüê*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1934.
310 p.

O princípio do *Bangüê*, de José Lins do Rego, é um tanto vagaroso. O caráter de Sinhazinha não me parece muito bem explicado e a preta Josefa, martirizada pela patroa, recorda a Negrinha de Monteiro Lobato, havendo nessa altura diversas banalidades filosóficas escusadas em tal livro, em tal escritor. Também o velho José Paulino lembra o velho Afonso da Maia, o que o próprio autor não deixa de reconhecer, citando *Os Maias* como quem procede a uma indicação de fonte bibliográfica. Talvez mesmo esse José Paulino, patriarca decadente, viva alguns meses e algumas páginas a mais.

Mas tudo isto é secundário. Que os episódios se assemelhem, em vários romancistas, é infalível. Afinal, as situações propriamente romanceáveis não serão em maior número que as situações teatralizáveis enumeradas pelo crítico Georges Polti. E quanto ao fato de os sucessos iniciais se arrastarem um pouco, explica-se no desejo de fixar as personagens em zona adequada, marcando-as, caracterizando-as bem diante dos leitores. É uma ficha antropométrica acrescentando-se a uma ambientação topográfica, e as duas coisas, se nem sempre são divertidas, não deixam de ser necessárias a um bom romance.

A verdade, porém, é que o volume só começa a atrair com força da segunda parte em diante. Os monólogos de Carlos de Melo, o abúlico, repetem-se e fatigam. Picuinhas ao sociólogo Oliveira Viana, por isso que injustas e descabi-

das em obra de ficção, não nos podem interessar. Detalhes de um excessivo rudimentarismo campesino são belos, flagrantes, mas por vezes supérfluos. Apenas a visita de Carlos ao engenho de Lula ("aquela casa que cheirava a rosa murcha, a coisa passada") é notável, digna de qualquer grande romancista europeu, dos que captam e eternizam costumes provincianos: René Boylesve, Marino Moretti...

Mas — insistamos — decorrida a primeira parte é que o livro vai tomando um movimento acelerado, um belo ritmo de marcha, sentindo-se plenamente o soberbo talento narrativo de José Lins do Rego, que teve como nenhum outro da sua geração o dom da vida, imantando-nos horas e horas às suas páginas como um desses companheiros de noitada em hotel do interior que não nos deixam dormir, que nos trazem presos, quase sufocados, às historietas que evocam.

Em seu trabalho não existem situações rigorosamente novas na matéria "romance". Nenhuma complexidade, das que encantam os leitores amigos de enigmas, sejam psicológicos ou policiais.

Quando, porém, Maria Alice entra em cena é uma inesperada circulação de sangue por tudo. A mulherzinha sacode tudo. Gostamos dela, francamente. Mas nos aspectos físicos. Gostamos menos quando ela se mete a *bas bleu*, falando em romancistas ingleses e expandindo-se em vagos ideais igualitários. Mulher intelectual assim não é bicho muito freqüente nestes Brasis e, ao que eu saiba, não há aqui rivais de Louise Michel, a chamada "virgem vermelha". Todavia, um passeio dos dois amantes, à noite, entre casas fechadas e brilhos de vagalumes, é trecho em que verdadeiramente respiramos, desafogados, plenitude de beleza, trecho que será futuramente alegria da nossa memória. Aí, o que se pode chamar a vida da narração vai aos limites da obra-prima.

Pena é que intervenham, não raro, palavras dispensáveis. Caso curioso: depois de criado o Ministério da Educação é que os nossos romancistas caíam exageradamente nos termos pornográficos. O palavrão é a "lua", o "lago" do tempo, uma espécie de romantismo às avessas. . .

A cena em que Carlos corre a espionar marido e mulher no quarto de dormir, lembra um pouco a cena da *Fanny*, de Feydeau: o amante enciumado pelo dono legítimo da bela criatura em que ilegitimamente se fartava.

Mas por aí é excelente a articulação dos caracteres. Feliz a sucessividade de episódios. Mesmo a prostituição das raparigas pobres nada tem de lacrimoso. É uma prostituição pitoresca, até divertida em certas passagens, e não há aqui nenhuma Sônia de Dostoiévski a inspirar tiradas sobre a religião do sofrimento humano.

E a linguagem é bastante nordestina, sem casticismos ou preciosismos inadequados. O autor encontra natural, instintivamente, a expressão justa.

Com um bom elenco e um bom repertório, José Lins do Rego apenas uma ou outra vez estabelece ligeira confusão de planos ou perspectivas quanto às figuras, o que se explica pela extrema miudeza das almas e dos fatos. Alguns pormenores resvalam para o relatório, a monografia, como quando o ficcionista se refere à vida econômica dos engenhos, mas, sem eles, como compreender o jogo de interesses que se trama e se agita em torno à herança de Carlos?

Argutamente desenvolvida a lenta invasão parasitária do antigo empregado, o moleque Marreira, que se vai convertendo de servo em senhor, com a sua voz e o seu sorriso dulcíssimos, deferente e insolente, humilde e insidioso. Chegam a enervar certas minúcias, tão bem assinaladas estão as trapaças irritantes, os meneios policiais ou forenses de que se socorre essa admirável personagem — talvez a mais típica e mais bem esculpida do romance — para enlear o pobre patrão molenga, amigo da rede e dos sonhos lascivos.

A repetição do efeito dramático do enterro, com umas trinta e oito páginas de intervalo, faz a ação fraquejar um tanto. Mas o fim do livro é possante, na luta de Carlos para manter o legado dos avós, os domínios hereditários, para que o engenho não seja absorvido pela usina, para não ver mutilado o seu mundo rural.

E, encerrado o ciclo regional de Carlos de Melo, que desejo o meu de tê-lo na cidade, tendo em José Lins do Rego um dos nossos grandes romancistas citadinos, o romancista completo, visto como só a balbúrdia citadina, por sua riqueza e variedade de fauna humana, permite o grande romancista e os nomes de Balzac, Dickens e Tolstói são inseparáveis de Paris, Londres e Moscou. Carlos em Recife, no Rio? Nada intimidante para mim o prosseguimento da narração, numa espécie de *Jean-Christophe* nacional em dez volumes. Nenhum susto da minha parte ante os heróis destinados a viver tanto quanto o barão de Ramiz Galvão. E só me deleitam os trabalhos daqueles para os quais o mundo exterior existe, sem que deixe de existir o interior, não esquecendo eu, portanto, os trechos festivos, coloridos, em que José Lins do Rego correu como um endiabrado pelas suas terras, pelas almas da sua terra, talvez mais inclinado às sensações que aos sentimentos, faltando-lhe possivelmente um certo mistério, mas não se lhe percebendo qualquer indecisão no manejo das cenas essenciais.

Mercê de Deus, seus homens falam quase sempre à maneira de homens.

Precisão infalseável na maioria dos toques realistas. Não estilo discursivo, mas pa-lestrado. E ler o *Bangüê* equivale a ouvir um dos melhores conversadores por es-crito do Brasil.

AGRIPPINO GRIECO

(O Jornal, do ano de 1934, dia e mês
ainda não identificados; transcrito
da coletânea do autor *Poetas e
prosadores do Brasil*, Rio de Janeiro,
Conquista, 1968, p. 255-258)